

Capítulo I

(1) Aconteceu certa vez que dois homens que iam para um Concílio geral² se encontraram no caminho; um deles era clérigo, o outro leigo. O clérigo perguntou o nome ao leigo, e ele lhe respondeu: “– Ramon Llull.”³

(2) Disse o clérigo: “– Ramon, já ouvi muito falar que vós sois um grande fantástico.⁴ Vejamos, diga-me, o que irás pedir nesse Concílio?”

(3) Disse Ramon: “– Busco três coisas. Em primeiro lugar, que o senhor papa e os reverendos cardeais desejem fundar estudos nos quais se aprendam diversos idiomas, de maneira que, depois, os estudantes se espalhem por todos os lugares do mundo, pregando, como está ordenado nos santos Evangelhos de Deus⁵, e que tal ordenação perdure até que todos os infiéis tenham vindo para a fé dos cristãos. Em segundo lugar, que o senhor papa e os cardeais estabeleçam uma única ordem geral que inclua todos os monges cavaleiros, e que todos permaneçam no outro lado do mar lutando contra os infiéis até que a Terra Santa seja restituída aos cristãos. E em terceiro lugar, que o papa e os cardeais desejem ordenar que os erros de Averróis propagados em Paris sejam totalmente extirpados, já que por culpa deles nossa santíssima fé padece de muitos males.”⁶

(4) Assim que o clérigo ouviu aquelas palavras, explodiu ruidosamente em uma gargalhada e disse: “– Pensava Ramon, que fôsseis um fantástico, mas agora, realmente, por vossas palavras, vejo que não sois somente um fantástico, mas um superfantástico!”

(5) Disse Ramon: “– É possível, mas eu não percebo minhas fantasias, pois tudo o que disse são coisas razoáveis, são necessárias de serem feitas e não dariam um fruto fraco. É possível que vós sejais o fantástico,

¹ Tradução de Ricardo da Costa (Ufes – www.ricardocosta.com), baseada no texto de LOLA BADIA, “Versió catalana de la Disputa del clergue Pere i de Ramon, el Fantàstic”. In: *Teoria i pràctica de la literatura en Ramon Llull*. Barcelona, Edicions dels Quaderns Crema, 1991, p. 211-229. O texto foi escrito em outubro de 1311, realmente em sua viagem de Paris a Vienne, no Delfinado. Trata-se de uma pequena obra, “um divertimento”, nas palavras de Lola Badia (p. 42).

² Tratava-se do Concílio de Vienne, realizado entre 16 de outubro de 1311 e 06 de maio de 1312, onde foi decidida a supressão da Ordem do Templo e finalmente foram aceitos alguns dos insistentes pedidos de Ramon Llull, como a criação de colégios para o ensino das línguas dos infiéis. BONNER, Antoni. “Ambient Històric I Vida”. In: *OS*, vol. I, p. 50.

³ Ramon Llull tinha então cerca de 77 anos.

⁴ O conceito de *fantasia* aqui é sinônimo de *loucura, insensatez*. Na Idade Média, *fantasia* é o mesmo que *fantasma, espectro, imagem*. O verbo *fantasiar* quer dizer “fazer funcionar a imaginação no terreno das quimeras”. No texto em questão, freqüentemente o verbo *fantasiar* é usado para dizer “conhecer equivocadamente” (ver diálogo 18). Por fim, em sua obra *Doutrina para crianças* (c. 1274-1276), Llull assim situa fisicamente a fantasia: “...É coisa natural que a alma, com a imaginativa, aprenda tudo o que os sentidos corporais apreendem e que dão ao entendimento humano a fantasia, existente entre a frente e a nuca, e que o entendimento se eleve acima da fantasia, entendendo aquilo que lhe é oferecido pela nobreza e pela grandeza de Deus, para que a vontade ame e obedeça a Deus.” (cap. LXVIII, 6), e “A fantasia é o quarto da frente onde se encontra o paladar. Por sua vez, a imaginativa ajusta na frente o que apreende das coisas corporais, e o que apreende entra na fantasia, iluminando aquele quarto para que o entendimento possa apreender o que a imaginativa lhe oferece. Assim, quando isso se desordena por algum acidente, o homem se torna fantástico, ou seu entendimento grosseiro, ou perturbado.” (cap. LXXXV, 6).

⁵ Mc 16, 15.

⁶ Averróis (1126-1198) foi o principal intérprete de Aristóteles na filosofia árabe e seu pensamento influenciou a filosofia judaica e cristã. Na segunda metade do século XIII se formou no mundo latino uma orientação filosófica chamada *averroísmo latino*, que defendeu, entre outras teses, a teoria da dupla verdade (uma, a correspondente ao dogma e à fé, a outra, a correspondente ao exercício da razão), a eternidade do mundo, a unidade do entendimento na espécie humana (ou *monopsiquismo*) e a negação da imortalidade pessoal e do livre-arbítrio, o que lhe valeu a condenação por parte da Igreja. Assim, os averroístas diziam que não se podia afirmar, entre outras coisas, que o mundo foi criado no tempo, que Deus é providência, que a alma é imortal, que a produção dos seres provém de um ato de liberdade e que existe revelação de verdades por parte de Deus. Por sua vez, eles defendiam a eternidade do mundo, o intelecto único comum a todos os homens, o determinismo universal e a negação da liberdade e da Providência. Ver especialmente RAMÓN GUERRERO, Rafael. *Filosofías árabe y judía*. Madrid: Editorial Síntesis, s/d, p. 215-246, e REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia I*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990, p. 536-541. Duas das principais obras de Ramon Llull contra o averroísmo (*Do nascimento do menino Jesus* e o *Livro da Lamentação da Filosofia*) estão publicadas em RAIMUNDO LÚLIO. *Escritos Antiaverroístas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. Todas as obras desse período estão publicadas em ROL V-VIII. A melhor discussão sobre o tema encontra-se no prefácio da ROL VI.

já que demonstrastes a rapidez de vosso riso e não inclinastes vossa mente às minhas palavras. Contudo, vós, que sois clérigo, deveríeis inclinar vossa mente e vossa devoção a coisas desse tipo mais que eu, que sou leigo.”

(6) Então o clérigo disse muitas palavras ofensivas, e inclusive o ameaçou. Ramon não se importou com as palavras ofensivas, nem com as ameaças do clérigo, e lhe disse: “– Clérigo, vós credes que eu sou um fantástico, e eu creio que vós sois o mesmo. Por acaso desejais que entre nós se inicie uma discussão para vermos quem é o fantástico, e que cada um de nós mostre suas razões a seu favor e em defesa de seus interesses, e que tudo se acabe quando chegemos ao Concílio geral?”

(7) Disse o clérigo: “– Aceito.”

(8) Então disse Ramon: “– Mas antes de propor as razões, devemos saber o que é que nomeamos como fantasia e estabelecermos os termos e os princípios que teremos que recorrer para formular nossas razões. Contudo, antes de escolhermos os termos, me parece conveniente que cada um de nós explique ao outro por que o crê fantástico, expondo assim seu conceito e a causa que o move.”

(9) Acolhendo estas palavras, o clérigo disse: “– Me agrada muito.”

(10) “– Assim, se vos agrada, podemos começar”, disse Ramon.

(11) Então o clérigo contou: “– Meu pai foi um homem pobre e rústico e eu, quando era estudante, vivia de esmolas. Quando obtive as ciências, consegui ricas prebendas, obtive o título em Artes e dois em Direito, fui feito presbítero arqui-diácono, acumulei muitos benefícios e pude tornar ricos meus irmãos, que eram rústicos. Além disso, eles se tornaram cavaleiros, e eu casei minhas irmãs com cavaleiros, exaltando minha linhagem do grau mais baixo ao mais alto. Estes três jovens estudantes – se olhares para trás poderás vê-los me seguindo a cavalo – são meus sobrinhos. Cada um deles já tem uma rica prebenda, inclusive quero agora obter nesse Concílio outros benefícios para eles. E de mim o que direi? Uma grande prelatura me faz vir até a Cúria⁷; creio que a obterei e viverei com muitas honras; porto uma grande companhia de cavaleiros, escudeiros, cozinheiros e numerosos criados, como vós mesmos podeis ver; como em pratos de prata, possuo grandes riquezas e tenho grandes despesas. Por tudo isso, se desejais, podeis ver claramente que eu não sou fantástico, e sim prudente e discreto.”

(12) Disse Ramon: “– Escutei tudo e entendi qual é a causa que vos move e por qual motivo me tens como fantástico. Contudo, antes de vos responder, desejaria, de maneira semelhante, dizer algumas poucas palavras de mim mesmo. Eu fui um homem ligado pelo matrimônio, tive filhos; era discretamente rico, lascivo e mundano. Deixei tudo de bom grado para poder me dedicar a fomentar a honra de Deus, o bem público e exaltar a santa fé. Aprendi árabe e fui muitas vezes pregar entre os sarracenos; por causa da fé fui preso, encarcerado e surrado. Trabalhei quarenta e cinco anos tentando mover a Igreja e os príncipes cristãos ao bem público. Agora sou velho, agora sou pobre, mas ainda tenho o mesmo propósito e o terei até a morte, se Deus quiser. Assim, vos parece que tudo isso é uma fantasia ou não? Que a vossa consciência seja o juiz, embora certamente isso seja fantástico para a vossa intenção. Mas no final, Deus, que não pode ser coagido nem enganado, será o juiz.”

(13) Então o clérigo e Ramon determinaram cinco termos: 1) fantasia, 2) as quatro causas, 3) a honra, 4) o deleite e 5) a ordem, de maneira que pudessem iniciar sua disputa. E primeiramente falaram da fantasia.

⁷ Prelatura – Cargo de prelado (título honorífico de dignitário eclesiástico).

Capítulo II – Da Fantasia

(14) “– A fantasia é um gênero que contém duas espécies: natural e moral. A moral, divide-se em duas partes: fantasia reta e discreta e fantasia oblíqua e indiscreta. A fantasia natural é constituída pelas espécies que o intelecto extrai dos sentidos e da imaginação para chegar ao conhecimento. A fantasia reta e discreta é aquela pela qual o homem torna-se justo, prudente e frequenta as outras virtudes. A fantasia oblíqua e indiscreta é aquela pela qual o intelecto habitua sua inteligência aos hábitos viciados e até mesmo para os falsos.”

(15) O clérigo disse a Ramon: “– Vós tendes trabalhado muito, como dizem, e vós tendes conseguido pouco ou nada. Por isso, já está evidente que sois fantástico, pois o que desejais não soubestes conseguir, e também porque não parastes de trabalhar e mesmo assim não conseguistes vosso objetivo. Se fôsseis discreto, deixaríeis este caminho no qual estais e vos dedicaríeis a buscar outra coisa. Eu, em contrapartida, sou discreto e o tenho sido, já que em pouco tempo adquiri as honras que expliquei anteriormente.”

(16) Disse Ramon: “– A forma atua de acordo com a disposição da matéria⁸. E como vós sois mundano, tens encontrado muitos que vos ajudam a obter bens mundanos. Por outro lado, eu estou só, já que quase ninguém cuida do bem público. Por isso dizem que sou fantástico, pois tenho feito uma comparação fantástica, e que também sou inconstante, já que me destes este conselho.”

(17) Disse o clérigo: “– Em Deus há somente dois atos, entender e estimar. Pois vós afirmais que em Deus há muito mais atos, isto é, bonificar, magnificar, eternizar, possuir, mas como Deus não bonifica a Si mesmo porque é bom, nem magnifica a Si mesmo porque é grande, e sim entende a Si mesmo porque é inteligível e estima a Si mesmo porque é amável, considerais que em Deus há mais atos que dois, e, por isso, claramente sois um fantástico.”

(18) Disse Ramon: “– Clérigo, vós fantasiáis sobre Deus quanto ao intelecto, pois Ele tem em Si mesmo os correlativos, como o inteligente, o inteligível e o inteligir, e também a vontade, como o amante, o amado e o amar. Extraio estas relações formalmente de vós. Mas como fantasiáis a partir de dentro de vossa bondade o bonificante, o bonificado e o bonificar, e o mesmo das outras, ignorais os atos da bondade, da grandeza e do poder. Por isso sois fantástico. E tampouco sabeis que Deus Pai, bonificando, produz de Sua bondade um Filho bom, e o Pai e o Filho, ao mesmo tempo e espirando deles mesmos, espiram o Espírito Santo. Por isso vos digo que fantasiáis o homem, atribuindo a toda a razão divina um ato secundário, de tal maneira que todos sejam iguais pelo que fazem existir e atuar intrinsecamente. Por outro lado, o intelecto divino e a vontade divina seriam superiores e as outras razões divinas inferiores, coisa que é impossível. Por isso mesmo, novamente vos digo que cada razão divina, pelo fato de ter seu próprio ato, é uma razão real, sem a qual ela mesma seria uma ficção, Além disso, acrescento – e precisamente por isso, pois têm segundos atos e igualdades – que se pode provar a Trindade divina, e tenho mostrado isso mais abertamente em muitos livros que tenho escrito.”

(19) Disse o clérigo: “– Ramon, entendi que fizestes somente uma *Arte geral* para resolver todas as questões, e que se pode aplicá-la a todas as ciências. E como dizeis isso, sois fantástico, pois cada uma das ciências tem seus próprios princípios.”

(20) Disse Ramon: “– A *Arte Geral* tem princípios generalíssimos, sob os quais as outras artes têm princípios subalternos. Portanto, o que há de tão surpreendente se com tal *Arte* se pode resolver as questões das outras ciências, já que todas as ciências não tratam de coisas particulares e sim de gerais? E como ignorais esta subordinação, sois um fantástico.”

⁸ **Forma** e **matéria** são conceitos aristotélicos. “A matéria é aquilo *com que* se faz alguma coisa; a forma é aquilo que determina a matéria para ser alguma coisa, isto é, aquilo *por que* alguma coisa é o que é. Assim, numa mesa de madeira, a madeira é a matéria com que a mesa foi feita e o modelo que o carpinteiro seguiu é a sua forma.” - FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982, p. 166.

(21) Disse o clérigo: “– Ramon, soube que disputou com os próprios mestres de Artes de Paris e pretendeu vencê-los com vossa filosofia – se é que se pode chamar isso de filosofia. Daí claramente se deduz que não somente sois um fantástico, mas um autêntico insensato, já que eles são tantos e vós, estáveis só.”

(22) Disse Ramon: “– Clérigo, é verdade que disputei em Paris com eles. Mas algumas vezes uma disputa ocorre no nível de opiniões, e outras, no nível de certezas ou de verdades. O Estudo parisiense, por outro lado, se encontra quase todo inclinado para as opiniões. De minha parte, eu não disputo senão de acordo com os modelos de inteligência e indo até a coisa, já que o objeto da filosofia é inteligível. E como me atacais e não sabeis disputar nem entender as formas de disputa, sois um fantástico.”

(23) Disse o clérigo: “– Vos ouvi dizer que a fé é provável, e por isso sois um fantástico, porque não se pode demonstrar que Deus não tem qualquer causa acima dele, e também porque Ele não é uma coisa definível. Além disso, se a fé fosse demonstrável, perderia seu mérito, como tem sido dito, já que a fé não tem mérito onde a razão humana lhe oferece uma prova experimental.”

(24) Disse Ramon: “– Admito que Deus não seja demonstrável por causas, mas Ele é demonstrável pela equivalência de Suas dignidades. E quando dizeis que se Ele fosse demonstrável se perderia o mérito, vos refuto quanto à experiência superior, que se realiza acima dos sentidos e da imaginação. As experiências inferiores, por sua vez, não são do gênero da fé, já que são do gênero dos sentidos e da imaginação objetiva. E como julgais o que ignorais, sois um fantástico.”

(25) Disse o clérigo: “– Ramon, o intelecto humano tem dois atos, crer e entender. Disse se segue necessariamente que se entendes não crês, e vice-versa. E como vós dizeis que o intelecto humano pode entender sob o hábito da fé, dizeis coisa falsa e fantasias o que não é possível.”

(26) Disse Ramon: “– Tenho mostrado em muitos lugares que o intelecto pode entender sob o hábito da fé, com a condição que seu entender seja inferior e seu crer superior, como o óleo, que permanece na superfície da água.⁹ E não sabeis que Isaías disse: “Se não crês não entendes?”¹⁰ O averroísta também diz que a fé católica é impossível, conforme o modelo de inteligência, mas, contudo, é crível. E vós opinais como ele e, por isso, como ele, sois fantástico.”

Capítulo III – Das Quatro Causas

(27) “– As causas são quatro: eficiente, forma, matéria e fim. Diz-se eficiente porque move a forma, e com a forma a matéria, aquela coisa que serve para levar um termo a seu fim. A forma, contudo, é ativa por ela mesma e a matéria é passiva por ela mesma. E quando o eficiente move a forma, a matéria é movida por outra. O fim é a causa das causas, pois ele mesmo é o último repouso.”

(28) Disse o clérigo: “– O homem é eficiente quando faz fantasias e abstrai com a forma as espécies da matéria, nas quais repousa objetivamente no final. Com este sistema eu me torno artista e legista, aprendendo e ensinando, e, por isso, não sou fantástico. Vós, por outro lado, Ramon, sois fantástico porque fingis possuir uma ciência altíssima e profunda que ninguém vos transmitiu.”

(29) Disse Ramon: “– Admito que a maneira como o eficiente obtém a ciência é fantasiante e entende de maneira reta. Contudo, vós não sois um desses, pois mudas o fim da causa pelo qual existes, que é um fim que em vós estais desviado, já que vais ao Concílio por vossa causa e para vossa exaltação. Por outro lado, eu apenas desejo repousar naquele fim, que é a causa de minha existência. Por isso, ainda que fôsseis papa, serias um papa mau, perverso e totalmente digno que Deus vos expulsasse deste mundo, a vós e a todos aqueles que tivésseis reunido no mundo para exaltar a vós e a sua estirpe. Digo-vos todas essas coisas porque sois fantástico e perverso, já que todas as causas em vós estão desviadas de acordo com a intenção que tendes. Assim, não desejo dizer-vos agora a maneira como obtive minha ciência.”

⁹ No original, “...que nada sobre a água.” Adaptamos.

¹⁰ Is VII, 9.

(30) “– Ramon, disse o clérigo, quem se torna rico não é um fantástico. Eu era pobre e enriqueci. Vós, por outro lado, que éreis rico e buscastes a pobreza, sois fantástico.”

(31) Disse Ramon: “– As riquezas não são más se foram adquiridas e são possuídas com uma boa intenção, já que são matéria e instrumento para um bom fim; as riquezas são de Deus. Contudo, se as adquire contra Deus, são má matéria em vós e estão sob uma forma perversa. Por outro lado, se eu sou pobre, minha pobreza – que, no caso, existe por causa de um bom fim – é matéria nula, porque dá forma às virtudes com as quais posso servir ao meu Deus e dedicar-me ao bem público. Aquele quem faz estas coisas não é um fantástico.”

(32) Disse o clérigo: “– Nenhum eficiente pode atuar fora daquilo que é, seja em potência, seja em ato. Assim, vós fantasticamente considerais fora daqueles dois termos, que o eficiente pode mover a forma à causa do fim sem a matéria, coisa que é impossível.”

(33) Disse Ramon: “– Colocastes um inconveniente, e rapidamente outro se segue. Assim, como vós pervertestes e desviastes todas as causas em vossa intenção perversa, desviada e profana, afirmastes que do nada não pode surgir algo. Logo, negais a criação; e ainda dizeis que sois cristão. Contudo, qualquer outro bom clérigo do mundo não pensais como vós!”

(34) Disse o clérigo: “– Ramon, vós dizeis que aí pode haver uma só forma geral, como há uma matéria primeira, e, por isso, indireta e obliquamente fantasias, porque é impossível que seja dessa forma.”

(35) Disse Ramon: “– Colocar o possível e ignorar as causas da possibilidade é uma posição fantástica e indireta, mas adotar a posição contrária é uma fantasia verdadeira e reta. Será que sabeis se Deus poderia criar uma forma geral com uma primeira matéria? Sobretudo quando a forma é Sua semelhança, e a matéria dessemelhança. E mais: afirmais que não há uma forma geral, pois qualquer forma particular não excederia em virtude a matéria particular, já que a matéria mesma é, em seu gênero, passiva, e, por outro lado, a forma particular (eliminada a universal) não é, em si, ativa. Por isso, sois fantástico, porque sabeis pouco de Teologia e de Filosofia.”

(36) Disse o clérigo¹¹: “– A brancura é uma forma abstrata e, quando se contrai, causa o branco formado dela mesma. A fantasia é uma forma abstrata, em vós e por vossa causa se contrai, e vós estais viciadamente possuído. E isso se vê bem claramente quando me nomeias fantástico, logo a mim, que sou sacerdote e tenho um ofício altíssimo no sacramento do altar, pois Cristo, através da matéria do pão e do vinho, em virtude do sacerdote, existe corporalmente no altar sem abandonar o céu.”

(37) “– Clérigo, disse Ramon¹², falaste bem sobre o que faz a filosofia da brancura, mas quando me repreende sem justificativa, dizeis mal. Pois aquele que exerce mau seu ofício, com uma intenção pervertida e perseverando no pecado, quanto mais alto é o grau de seu ofício, mais e mais é repreensível, pois atua maximamente contra o fim. Portanto, por vosso exemplo torna-se verdadeiro o dito popular que diz que no mundo não há pior homem que os maus clérigos, pois se deles as virtudes são irradiadas com mais força, igualmente os vícios são mais evidentes. E a causa pela qual popularmente são considerados piores que os outros homens é porque são mais instruídos e mais capacitados que os outros. E se desejásseis, poderíeis, com a ajuda superior, converter todos os infiéis à santa fé católica e fazer retornar os pecadores às virtudes, se oferecesse um bom exemplo. É por isso que as gentes dizem: se fossem verdadeiras as coisas que dizem, nós faríamos, pois eles dizem, mas não fazem.”

(38) Disse o clérigo: “– Ramon, quanto maior é a forma, melhor pode atuar na matéria. Deus é uma forma infinita, separada de toda a matéria e tão poderoso em relação à matéria criada que pode usá-la para fazer um milagre em uma ordem inferior. Por isso, vos digo que, como desfruto de uma grande honra e tenho um

¹¹ Aqui Llull inicia uma metáfora que compara a brancura e a coisa branca com a fantasia e o homem fantástico (louco).

¹² Aqui se inicia um trecho bastante anticlerical, “...digno das melhores sátiras anticlericais de todos os tempos.” (LOLA BADIA, *op. cit.*, p. 49)

grande poder, sou digno de comandar aquele que me é inferior para que faça o que desejo e o que tenho que fazer. Por isso não sou fantástico, mas discreto.”

(39) Mas Ramon: “– Quanto mais vos escuto falar, mais fantástico vos considero. E se porventura fôsseis cardeal, não daríeis nenhum conselho sensato ao consistório¹³, somente falso e perverso, porque vossa intenção desviada e perversa faz com que vós vos desviáveis de vosso fim (causa de vossa existência), tornando-se altamente digno das pragas que Deus enviou ao faraó.¹⁴”

Capítulo IV – Da Honra¹⁵

(40) “– A honra é uma forma de ato do qual surge o honrar. Além disso, a honra é dupla, isto é, existe a honra de Deus e a honra do homem. A honra do homem se sustenta na honra de Deus, e isso analogicamente.”

(41) Disse o clérigo: “– Ramon, vos considero um fantástico e vós a mim. Façamos agora algumas considerações ponderadas sobre a honra e extraíamos silogismos. Aquele que tiver melhor concordância com estes será o discreto. O juízo entre vós e eu será estabelecido por meio de silogismos.

Estas coisas agradaram a Ramon, pois esta doutrina é rápida, abreviada e uma boa técnica para conhecer o homem discreto e o homem fantástico¹⁶. As considerações ponderadas sobre a honra são estas:

- Honra a Deus acima de todas as coisas.
- Honra as dignidades de Deus acima de todas as outras dignidades.
- Honra igualmente as dignidades de Deus.
- É presunçoso aquele que honra a Deus para honrar a si mesmo.
- Uma honra possível é tão grande e digna de ser estimada quanto mais e melhor é conhecida.
- Entre a honra e o vitupério não há meio termo.
- A honra coincide no senhor com a grandeza e no servo com a pequenez.
- Quem honra um homem honorável adquire honra.
- Honra tua alma com virtudes e disciplina.
- Honra teu corpo com alguma bela arte e algum bom exercício.
- Faça honra à bondade com a grandeza.
- Honra teu intelecto com a razão.
- Honra tua vontade com a moderação.
- Se vista de paciência e de humildade e terás honra.
- Honra tua consciência com a discrição.
- Honra tua língua com a verdade.
- Honra teu senhor com paciência e humildade.
- Honra tua confiança com esperança.
- Honra teu amigo com amizade e temor.
- Quando tomares consciência das coisas mal feitas, honra teu corpo com suspiros.
- Quando pensares que cometestes um pecado, honra teus olhos com lágrimas.
- Honra aquele que é maior que ti e no futuro terás maior honra.
- Quando alguém te vituperar com vícios, honra a ti mesmo com virtudes.

¹³ “O Senado que deliberava junto ao imperador romano se denominava *Sagrado Consistório do Imperador*, ou *Tribunal do Santo Senado* – designação que se aplicou mais tarde ao Colégio Cardinalício, o senado do papa.” – ULLMANN, Walter. *Historia del pensamiento político en la Edad Media*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999, p. 36.

¹⁴ Ex 8-12. As dez pragas foram: as águas que se tornaram sangue, as rãs, os piolhos, as moscas, as pestes nos animais, as úlceras, a chuva de pedras, os gafanhotos, as trevas e a morte dos primogênitos.

¹⁵ O capítulo IV, situado no centro geométrico da obra, é um repouso, uma pausa entre os dois disputantes. Ramon e Pedro formulam então 43 provérbios sobre o conceito de honra – uma forma típica luliana.

¹⁶ “Aristóteles definiu assim o silogismo: ‘Um silogismo é um argumento no qual, estabelecidas certas coisas, resulta necessariamente delas, por serem o que são, outra coisa diferente das anteriormente estabelecidas’ (...) O silogismo aparece como uma lei lógica ou como uma série de leis lógicas, uma para cada um dos modos válidos. Estas leis lógicas estabelecem relações entre termos universais (...) damos um exemplo de silogismo categórico: Se todos os homens são mortais e todos os australianos são homens, então todos os australianos são mortais.” – FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia, op. cit.*, p. 369-370.

- Disponha tudo o que tens para comprar uma honra boa e grande.
- Se honrares um presunçoso serás presunçoso.
- Honra tua mesa com temperança.
- Honra tua bolsa com medida.
- Honra tua cama com castidade.
- Honra tuas vestes com decoro.
- Honra teus ouvidos com honestidade de palavras.
- Honra tua imaginação com utilidade.
- Com um segredo honras outro segredo.
- Honra o anjo bom com bondade e obediência.
- Honra o pai e a mãe, pois são teu princípio.
- Honra a justiça dos magistrados.
- Honra o indigente com generosidade.
- Honra a boa ocasião com diligência.
- Honra o tempo em que te encontras com prudência.
- Honra uma virtude com outra virtude.
- Honra a ignorância com a desculpa.
- Honra a ciência com a humildade.
- Honra a matéria com a forma.
- Honra a honra com a honra.

Capítulo V – Do Deleite

(42) O deleite é um hábito no qual o homem repousa. Ele consiste naturalmente em dez sujeitos, isto é, nos seis sentidos particulares que são a visão, a audição, o olfato, a degustação, o tato e o falar¹⁷; no sétimo, que consiste na imaginação, no oitavo, o intelecto, no nono, a vontade e no décimo, a memória. Também aí há outros deleites acidentalmente objetivos, mas trataremos principalmente destes.”

(43) Disse o clérigo: “– Ramon, quando vejo um objeto belo, por causa de sua beleza naturalmente sou movido ao deleite, como quando vejo uma senhora bela, um leito belo, uma casa bela, uma espada bela e ornada de ouro e prata, um cavalo belo, vestidos belos, uma família bela e coisas desse tipo. Por isso, naturalmente me compraz todas essas coisas, pois minha potência visiva e os mesmos objetos me movem ao deleite.”

(44) Disse Ramon: “– O deleite que apregoas é boa forma natural, já que todo ato natural é bom, pois vem de uma ordenação divina. Contudo, se vós, por causa de vós e para adquirir o deleite da visão, fantasiais, e não para vos aperfeiçoar no louvor de Deus, por essas coisas vos tornais servidor das coisas visíveis, por isso sois um fantástico. Eu, por outro lado, tenho estabelecido que desejo estimar o próximo, e eu sou vosso próximo. Por isso, me entristeço por vossa causa quando vejo que não vos serve das coisas visíveis como deveríeis.”

(45) “– Ramon, disse o clérigo, escuto belas palavras e tenho deleitação de senti-las, sobretudo quando sinto meus louvores, pois sou um clérigo sábio, rico, belo, generoso e coisas desse tipo.”

(46) “– Pedro, disse Ramon, me dói vosso deleite, porque entendo que sois ambicioso e se morreres neste estado sofrereis no Inferno as penas sem fim. Por isso, isto é, por vosso desordenado deleite, acidentalmente

¹⁷ O sexto sentido em Llull é o “afato” (do latim *affatu*), isto é, a faculdade de falar, a manifestação vocal dos seres animados (ver *Art Brevis*, parte IX, suj. 6). “...la troballa dóna la mesura de l'ambició creativa de Ramon com a diguem-ne receptor actiu de la tradició. Col·locar el llenguatge animal i humà en la doctrina psicològica dels cinc sentits volia dir entrar inicialment en contradicció amb el *De anima* aristotèlic (3, 424b 22 - 425a 10). Ajudat per certes aportacions dels exegetes de l'Estagirita, però, i prenent una determinada posició en les discussions escolàstiques del moment, Llull aconsegueix de reactivar amb el seu afat la proposta agustiniana sobre el valor de la paraula en sentit psicològic, ontològic, lògic i moral (Jonhston, 1990; Dagenais, 1983; Pistolesi, 1996). D'ençà del seu “descobriment” el 1294, el sisè sentit troba un lloc estructural en l'*Art* i fonamenta un saber segur sobre la natura de la paraula.” – BADIA, Lola. “La ciència a l'obra de Ramon Llull”. In: *Universitat de Barcelona*. <http://www.bib.ub.es/www7/llull/ciencia.htm>

me entristeço. Contudo, movo-me ao deleite, pois considero que ao fazê-lo, adquiero um mérito. Este deleite que tenho, contudo, é bom; o vosso, por outro lado, é fantástico, oblíquo e perverso.”

(47) Disse Pedro: “– Deleito-me com coisas perfumadas, como flores, bálsamo, pigmentos, rosas e coisas semelhantes. E faço bem feito, porque satisfaço o olfato com seu objeto odorífico, do mesmo modo quando satisfaço a visão com o objeto belo.”

(48) Disse Ramon: “– Faz bem em uma ordem natural. Contudo, deste deleite deveríeis passar a um outro deleite, supremo e espiritual, como, por exemplo, o louvor de Deus, que colocou tanta virtude nas coisas que odoram. Mas se não passais para este segundo deleite, sois fantástico, porque assim deixais de adquirir o bom mérito que poderíeis adquirir.”

(49) Disse o clérigo: “– Ramon, deleito-me quando degusto coisas que têm bom gosto e que são deliciosas, como galos, perdizes, coelhos, lebres, um bom vinho e coisas desse tipo. E faço bem feito, porque faço servir os bens que Deus me deu.”

(50) Disse Ramon: “– Supondo que sejais bom, justo, prudente, etc., fazeis bem, pois o homem bom é digno de fazer servir todos os bens terrenos, já que estes bens foram criados pela bondade divina para seu serviço. Contudo, se sois injusto, imprudente, destemperado, etc., nestes deleites antes citados, coisa que não deveria ser porque todo comer saboroso e o vinho são de Deus, torna-se injustamente seu inimigo e justamente vosso próprio inimigo, pois se vós perseverais no pecado, deveríeis sentir grande dor com aquele deleite, e deveríeis conceber tristeza, coisas que se não vos passam, desejo dizer que sois fantástico e, coisa pior, demente e insensato.”

(51) Disse o clérigo: “– Ramon, o tato é um sentido que causa deleite de muitas maneiras, se toco coisas agradáveis de tocar para adquirir utilidade tocando-os, faço bem, pois Deus e a natureza nunca fazem nada em vão.”

(52) Disse Ramon: “– Ainda que na ordem natural algumas coisas tangíveis sejam deleitáveis, não é lícito que absolutamente todas as coisas sejam deleitáveis, somente sob a licença da razão, das ordens e das finalidades dos preceitos de Deus. Mas se usais as coisas tangíveis de forma absoluta, desobediente e desordenadamente, conseqüentemente se torna culpável, e de uma tal culpa deveríeis sentir uma imensa tristeza e uma grande dor. E se não sentes estas coisas, sois um fantástico e estais destinado aos suplícios do fogo.”

(53) Disse Pedro: “– Deleito-me dizendo palavras eloqüentes e abundantes, porque este ato naturalmente causa deleite, e desfruto isso acidentalmente, porque considero todos aqueles que me louvam por causa das coisas que digo. Por isso, se posso procurar um deleite, seria fantástico se não procurasse.”

(54) Disse Ramon: “– A boa eloqüência que possuis e o saber são para vós matéria para adquirir mérito ou culpa. Adquiris mérito se louvais aquelas coisas que são verdadeiras e louváveis sob o hábito da virtude da prudência, da justiça e de todas as outras; por isso, é lícito que possais reivindicar o deleite produzido pelo uso da palavra. Contudo, vós dizeis coisas contrárias, e, por isso, concebo grande dor e tristeza, porque sois fantástico.”

(55) Disse o clérigo: “– A imaginação é uma potência absoluta com a qual o homem pode adquirir um grande deleite. Por isso, quando imagino quantos bens adquirir e quantos bens posso adquirir neste mundo, deleito-me e sinto-me muito distante de toda a tristeza e de toda a dor.”

(56) Disse Ramon: “– Admito que a imaginação seja uma potência absoluta porque serve para fantasiar, com retidão ou senso. Se o faz ordenadamente, adquiris um bom deleite, se o faz desordenadamente, o faz mal e indiretamente, e na outra vida estarás em dor e tristeza eternas. A imaginação, com efeito, é uma potência absoluta, porque o homem pode aplicá-la livremente para obter mérito ou mal.”

(57) Disse o clérigo: “– O intelecto humano naturalmente causa um grande deleite quando consegue verdadeiramente um objeto verdadeiro, entendendo ou acreditando. Assim, intelectualmente, obtêm deleite, e inclusive grande, se entendes muitas coisas verdadeiras.”

(58) Disse Ramon: “– É lícito ter deleite entendendo ou acreditando, supondo que se entenda sob o hábito e a regulamentação das virtudes. Mas vós não o fazeis, pois não entendeis para o fim a causa pela qual existes (e este fim é Deus), e sim para um fim ordenado para vós mesmos. E como vos deleitais sob o hábito dos vícios, vossa alegria tornar-se-á pena e dor amargas. Por isso, vos aconselho que deixeis para trás vossos deleites fantásticos e busqueis deleite em entender o Deus bom, grande e poderoso, e em entender as virtudes, etc. Assim, por este deleite, merecerás o eterno deleite dos beatos.”

(59) Disse o clérigo: “– Deleito-me querendo, quando desejo alguma coisa e consigo aquilo que desejo. Assim, me compraz muitos e diversos bens, para poder multiplicar meu deleite.”

(60) Disse Ramon: “– Pedro, a vontade é uma potência absoluta com a qual se pode querer o bem ou o mal. Assim, aquele que a regula com as virtudes, a aplica para querer o bem, e aquele que o faz com os vícios, a aplica para o mal. E como vós aplicais vosso deleite somente para vós e não para o serviço de Deus, vos considero fantástico e me proponho vos acusar perante a cúria, diante de todo o Concílio, de vossa perversa fantasia, caso não vos corrijaís. Também me agrada que, caso encontres em mim fantasias perversas, me repreendas, pois é digno de repreensão quem se deixa levar por perversas fantasias.”

(61) Disse o clérigo: “– Verto alegria quando penso que fui pobre e agora sou rico, quando recordo que antes não tinha honra e agora a tenho muito. E muito maior é minha alegria quando me dou conta com quantas possibilidades ainda posso ser mais rico e mais honrado.”

(62) Disse Ramon: “– De todas as maneiras vejo que sois um grande fantástico. Digo de todas as maneiras porque buscaís o deleite através dos dez sujeitos anteriores fora de vosso fim último, que é Deus. Isso desgraçadamente, pois não recordais que éreis nada enquanto éreis pobre, e agora sois menos ainda, embora sejais rico. Sois agora um pecador maior que antes. E caso persevereis neste hábito, adquirindo mais riquezas e honras, maior pecador serás e no eterno abismo do fogo serás torturado com maiores penas.”

Capítulo VI – Da Ordem

(63) A ordem é uma forma com a qual o ordenador ordena muitas coisas a um fim, no qual os ordenados se fundamentam. A ordem é dupla, espiritual e corporal. A espiritual é superior e ordena a inferior, como a causa e seu efeito.”

(64) Disse Ramon ao clérigo: “– Em Deus há uma ordem intrínseca, pois Ele é ordenado quanto a Sua essência e às Suas razões, já que Se expressa com Suas razões e vice-versa, tal como foi dito no princípio. Esta ordem pode ser entendida quanto à divina Trindade, causa pela qual Deus é ordenado tanto pelo que faz Sua ação intrínseca como pelo que faz Sua existência, pois Deus Pai produz um Filho bom, eterno e grande, já que Ele mesmo é bondade, grandeza e eternidade, e o mesmo com o Espírito Santo, que procede de todos os Dois. A Igreja tem estado constituída para entender, honrar, estimar e servir esta ordem altíssima e profunda.”

(65) Disse Pedro: “– Com isso estou contente, pois fui ordenado e escolhido para um ofício tão sublime e elevado.”

(66) Ao que disse Ramon: “– Dissestes bem, enquanto vós mesmos não o pervertestes. Mas vos peço que considereis: se a ordem suprema falha em alguém ao ponto que resulte desordenada, não será mais baixo quanto mais alto era? Digo-vos isso porque se vos desordenais, ireis parar em um grau tanto mais baixo quanto mais alto estavas por razão de vossa ordem”. E Ramon insistiu: “– Pedro, nove são as hierarquias dos anjos, como sabeis. Na superior há uma ordenação mais nobre que na imediatamente abaixo, e assim gradualmente até a inferior. A superior é mais nobre porque está mais próxima de Deus, e isso vai sendo abandonado à medida que desce. Por isso, a primeira hierarquia pode significar a ordem papal, pois o papa é

o primeiro vicário, o mais alto e o mais poderoso; a segunda, a ordem patriarcal ou alguma outra que seja mais própria a este sumo principado sagrado; a terceira, o arcebispado; a quarta, o episcopado, e assim, descendo gradualmente, até o clero secular que cuida de uma paróquia.”¹⁸

(67) Disse o clérigo: “– Ramon, vos escuto de bom grado e estou muito contente, porque sou arqui-diácono e espero me elevar a um grau superior.”

(68) Disse Ramon: “– É lícito que tenhais essa esperança se sois ordenado na intenção e nos costumes, de maneira que possais servir melhor a Deus. Mas se desejais se elevar para teres melhor aparência e beneficiar vossa parentela, sois desordenado e fantástico, e as penas do Inferno vos aguardam, com as quais experimentarás os tormentos eternos.”

(69) Disse o clérigo: “– Ramon, porventura os elementos e todos os compostos que surgem não estão ordenados para o serviço do homem e o homem para o serviço de Deus? Logo, me alegro muito, porque sou um homem que possui benefícios ao serviço de Deus e posso usá-los ao serviço de todas as coisas.”

(70) Disse Ramon: “– Todas as coisas inferiores estão ao serviço do homem, tal como vós dissestes, e o homem nasce para o serviço de Deus. Mas se vós, como homem, não serve a Deus mais que a vós mesmos, sois desordenado e fantástico, porque recebeis injusta e desordenadamente os bens das coisas que dissestes.”

(71) Disse o clérigo: “– Constantino, imperador romano, deu o Império à Igreja. Assim, o Espírito Santo fez os homens da Igreja devotos e conhecedores que a santa fé católica era a verdadeira.”¹⁹

(72) Disse Ramon: “– Clérigo, vós dissestes uma coisa verdadeira, pois toda a Igreja dos católicos possui duas espadas, tal como se diz no Evangelho, isto é, a espada corporal propriamente dita, e a espiritual, isto é, a ciência e a devoção. Com estas duas espadas a Igreja deveria ter o suficiente para conduzir todos os infieis ao caminho da verdade. Em primeiro lugar, se o papa enviasse homens sábios e discretos, dispostos a morrer próximo dos sarracenos, turcos e tártaros, para que mostrassem aos infieis seus erros e as verdades da santa fé católica, de maneira que aqueles mesmos infieis viessem para o sagrado banho da regeneração; em segundo lugar, se eles resistissem, então o papa deveria preparar para eles a espada secular. É lícito e devido que haja uma ordenação como esta, e aquele que, por algum motivo, está contra esta ordenação, é fantástico e culpado, e, portanto, desordenado.”

(73) Disse Pedro: “– Ramon, Deus é onipotente em todos os tempos e em todos os lugares, e também é O primeiro ordenador. Assim, Deus não deseja que o papa, os cardeais e todos os outros padres daquela santa ordenação constituam no Concílio uma ordenação como essa, pois se quisesse, Ele poderia conduzir todos os infieis ao caminho da verdade. O papa, os cardeais e os outros padres do Concílio já têm trabalho suficiente para ainda terem que ordenar os cristãos.”

(74) Disse Ramon: “– Está escrito: ‘Quem peca contra o Espírito Santo não obtém perdão de seu pecado’²⁰, pois é Espírito de bondade universal. Parece a vós que eu tenha pecado dessa maneira porque não desejais o bem público. Por acaso não sabeis que o papa e os cardeais têm poder para uma ordenação intrínseca e extrínseca? Se ordenam os cristãos, que estão dentro, fazem bem feito, mas se não, vão buscar fora as ovelhas

¹⁸ Toda esta exposição de Llull baseia-se em uma importante fonte (não papal) das idéias políticas na Idade Média: o tratado *Da Hierarquia Celeste*, do Pseudo-Dionísio, o *Areopagita* (séc. V). Este desconhecido autor, com sua obra sobre a posição dos anjos, facilitou uma explicação filosófica da origem do poder, imprimindo conceitos como *hierarquia*, *unidade* e *subordinação*, dotando a teoria do poder descendente de uma forte base teórica.

¹⁹ Llull aqui alude à famosa *Doação de Constantino*, na verdade um texto apócrifo escrito no início do século VIII: “É evidente a enorme influência que teve sobre a Europa medieval em geral e sobre o papado em particular (...) Segundo a *Doação*, Constantino, desejando outorgar à Igreja romana o poder, a dignidade, a glória, a força e as honras imperiais, transmitiu ao papa todas as suas insígnias e símbolos imperiais – a lança, o cetro, a orbe, os estandartes imperiais, o manto púrpura, etc. – que passaram a ser propriedade do papa. E em sinal de humildade, Constantino desempenhou a função de *strator*, isto é, em um trecho guiou o cavalo do papa. Além disso, o papa recebeu o palácio imperial como residência, assim como toda a cidade de Roma, todas as províncias da Itália e o Ocidente.” – ULLMANN, Walter. *Historia del pensamiento político en la Edad Media*, op. cit., p. 58-60.

²⁰ Lc 12, 10.

perdidas e não cuidam de sua ordenação, fazem mal, pois deixam ocioso e vazio um poder que lhes foi confiado e do qual terão que prestar contas no dia do Juízo. Eu mesmo os acusarei e me escusarei, pois muitas vezes fiz sermões à cúria sobre esse tema, e escrevi muitos livros sobre o mesmo assunto.”

(75) Disse o clérigo: “– Recordo, Ramon, e freqüentemente tenho percebido, que muitos príncipes que foram além do mar para recuperar a Terra Santa tentaram em vão, e se isso que reclamais tivesse sido ordenado por Deus, seus efeitos certamente já teriam sido mostrados.”

(76) Disse Ramon: “– É possível, Pedro, que eles tenham lutado para a recuperação da Terra Santa mais por causa deles mesmos que por causa de Deus. Esta ordenação não entra na ordenação divina, pois não é ordenada. Isso aconteceria se eles tivessem ido com uma intenção ordenada, mas tiveram, além disso, que sofrer a falta de dinheiros, de reforços ou algo semelhante, então não falharam em sua ordem quanto à intenção. Logo, adquiriram mérito. A ordem tem falhado no papa, nos cardeais e nos outros cristãos, que não lhes têm proporcionado meios suficientes.”

(77) Disse o clérigo: “– Ramon, vejo muitos pregadores, como freires menores e outros religiosos, que se dedicam a pregar aos sarracenos, aos tártaros e aos outros infíeis, mas o fruto do que têm feito até agora parece perdido.”

(78) Disse Ramon: “– Os freires que vão àqueles lugares não conhecem as línguas dos infíeis e, por isso, vão de maneira desordenada; ao invés disso, se aprendessem seus idiomas nas terras dos cristãos, poderiam empreender o caminho ordenadamente e dar um fruto multiplicado. Deus sempre ajuda aqueles que têm cuidado com Ele com uma boa ordenação.”

(79) Disse o clérigo: “– Ramon, não há nenhuma outra Igreja nesse mundo tão bem ordenada para servir a Deus como a Igreja Romana. Podeis ver isso nas igrejas, onde os clérigos celebram ordenadamente, cantam ordenadamente e fazem todas as coisas dessa forma.”

(80) Disse Ramon: “– Concordo. Contudo, que diríeis de alguns clérigos que, fora do recinto sagrado, continuamente cavalgam com grande pompa, comem em fartas mesas e possuem muitas e grandes provisões, enquanto os pobres de Cristo clamam em suas portas? Não vos parece que seja uma ordem conveniente para os clérigos celebrarem a Igreja e cantarem as horas? Inclusive vos pergunto sé é uma boa ordem um bom homem de ciência ter uma pequena prebenda e um clérigo, que é seu inverso, ter muitas e grandes, como eles mesmos dizem, riquezas.”

(81) Disse o clérigo: “– Ramon, sois um fantástico porque me atordoia com essas questões. Por isso, não quero mais discutir convosco estas coisas.”

E separando-se, distanciaram-se um do outro, o clérigo e Ramon.